

De: "Erico" <ericovitalbrazil@globo.com>
Para: "Schuma" <schuma@redeh.org.br>; "Miriam Juvino" <mjuvino@centroin.com.br>
Enviada em: sexta-feira, 19 de agosto de 2005 22:29
Assunto: matérias

Caixa Preta

A banda caixa preta está no cenário musical desde 1999 e traz no seu repertório todas as influências vividas por seus componentes, que são: samba, funk, reggae, jazz, bossa nova, choro, música erudita e o jongo, gerando uma estética contemporânea. A linguagem foi batizada como gonça, definição encontrada para essa mistura carregada de swing, de ginga e de molejo. Ter gonça é o contrário de ser desengonçado.

Criada na Zona Oeste a banda hoje conta com músicos de várias partes do Rio de Janeiro para mesclar toda essa bagagem musical e cultural através de suas afinidades rítmicas e harmônicas, criando uma música original e moderna, repleta de riffs e grooves dançantes.

A banda CAIXA PRETA é composta pelos músicos: Augusto Bapt (cantor e compositor); Rodrigo Braga (composições, arranjos e piano); Marcos Feijão (bateria); Robertinho de Paula (violão e guitarra semi-acústica); Joelson Lima (baixo); Juran Ribeiro (percussão); Kátia "Preta" Nascimento (trombone); Reyno Trumpet (trompete); Mônica Ávila (Sax).

Movimento Diálogo Inter-Religioso contra a intolerância, pela paz e liberdade de culto

Nasceu em 21 de janeiro de 2004 com o propósito de organizar um movimento contra a intolerância religiosa e a favor da paz. Esta data passou a figurar no calendário da capital da Bahia como o "Dia Municipal Contra a Intolerância Religiosa". Dois meses depois, a idéia foi tomando forma e agregando o apoio de diversas entidades

O movimento tem como objetivo criar a integração e conscientizar as comunidades religiosas, principalmente as de matriz africana, sobre seus direitos, deveres e prerrogativas, numa sociedade em que a liberdade de culto é preceito constitucional e deve ser respeitado.

O movimento busca o diálogo com as outras religiões, paralelamente à construção da unidade e integração do povo de santo. Também organiza um levantamento dos casos de intolerância religiosa para transformá-los em fato jurídico, inibindo, com o apoio da Lei, sua continuidade.

Cia. danças Rubens Barbot

Fundada em 20 de Agosto de 1990 pelo coreógrafo e bailarino Rubens Barbot, natural de Rio Grande do Sul e radicado no Rio de Janeiro desde 1989.

É a primeira Companhia afro-brasileira de dança contemporânea e mantém um trabalho singular. A sustentação da sua linguagem vem da pesquisa permanente que Barbot desenvolve, centralizando seu trabalho em uma análise profunda dos gestos, movimentos e imagens que se desprendem dos corpos afro-brasileiros.

A Rubens Barbot mantém um trabalho constante criando espetáculos, realizando temporadas no Rio de Janeiro e excursionando pelas cidades brasileiras e do exterior.

Os temas abordados são variados, mas sempre tendo em conta a condição humana. As idéias podem partir de uma simples cena recolhida ou vista na rua até textos filosóficos. Da

mesma forma a música utilizada pode ser música étnica primitiva ou contemporânea, pop, erudita ou uma trilha especialmente composta para o espetáculo.

A Cia. DangasRubens Barbot é mundialmente conhecida.

Uma Rede Para Iemanjá

A Cia. É Tudo Cenai tem por objetivo a pesquisa, resgate, promoção e valorização da cultura afro-descendente. Nos últimos oito anos já produziu cinco espetáculos, sendo que em 2001 a Mitologia dos Deuses Africanos, de Luiz Motta, cumpriu temporada de dois meses no Teatro João Caetano-RJ. Atualmente está produzindo a peça Uma Rede para Iemanjá, de Antônio Callado. A Cia. está sediada no Centro Cultural Cartola, na Mangueira.

Sinopse - Uma Rede Para Iemanjá, de Antônio Callado.

Drama do Pai do Juca, que teve seu filho morto no mar, e acredita que Iemanjá o levou para desposá-lo e que ela o devolverá na noite de Ano Novo. E enquanto aguarda no banco de uma praia, surge Jacira, grávida de nove meses, que foi abandonada pelo marido num porão de maternidade, mas que fugiu para ter seu filho numa rede de dormir, como é tradição no estado do Pará. Pai do Juca julga que Jacira é Iemanjá devolvendo seu filho. O espetáculo é recheado de músicas sacras africanas que são cantadas e tocadas ao vivo.

Links Relacionados

Mundo Negro - www.mundonegro.com.br

Portal Afro - www.portalafro.com.br

Cufa - www.cufa.com.br

Seppir - www.presidencia.gov.br/seppir

Fundação Cultural Palmares - www.palmares.gov.br

CEAP - www.alternex.com.br/~ceap

Fala Preta! - www.falapreta.org.br

Educatro - www.educatro.org.br

UNEGRO - www.unegro.saopaulo.net

Nossos Griots

Placa de Homenagem à Personalidades Negras

No dia 14 de maio, às 18h no Prédio Anexo do Teatro Municipal, 20 personalidades negras do Estado do Rio de Janeiro, foram agraciadas com a placa Nossos Griots. A homenagem realizou pela Secretaria de Estado de Cultura através da Assessoria de Assuntos Afro-brasileiros, capitaneada por Néia Daniel. Um prêmio às lutas e feitos de exemplos de resistência, coragem e, sobretudo, vitórias do povo negro.

O evento contou com a presença do Representante da Embaixada da República do Suriname no Brasil, Sr. Rupert Ladwrense Christopher, o Chefe de Gabinete, Paulo Pimenta, representando o Secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Arnaldo Niskier, Deputado Roberto Dinamite, a empresária de moda **Veluma** e os atores Alexandre Moreno, Janaina Lince e Lea Garcia, entre outros. E ainda Pierre Pamello, Manager de King Kester Emeneya, artista pop africano consagrado na Europa e Japão que estará no Brasil em novembro.

A apresentação de Irineia Ribeiro (40 anos de MPB) acompanhada pelo violão de Cláudio

A terceira edição do curso de Atualização em História Negra da UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro - contemplou alunos, convidados e público em geral no último dia 29 de julho, com o Seminário Memórias e Heranças. Em estudo a vida e militância de Lélia Gonzalez, ícone feminino na luta contra o racismo.

A aula aberta foi marcada por depoimentos emocionados dos palestrantes e público como: Elisa Larke, escritora e pesquisadora da cultura negra e Hilton Cobra, ator e produtor teatral. Sobre tudo, pelo momento em que o tão aguardo militante negro e Senador, Abdias Nascimento - palestrante - adentra o auditório e é aplaudido fervorosamente por cerca de três minutos por uma plateia de pé e vislumbrada.

Que também ficou hipnotizada com os versos, cantos e contos das palestrantes: Ana Garcia, curadora do Acervo Lélia Gonzalez; Elizabeth Vianna - representante da Fundação Cultural Palmares e mestrande em História - UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) - Nêia Daniel, Assessora de Assuntos Afro-Brasileiros da Secretaria de Estado de Cultura e Raquel de Andrade, Coordenadora do GEGF/UFF - Grupo de Gênero e Feminismo da Universidade Federal Fluminense - e mestrande em História da Universidade Pontifícia Católica/RJ.

Memórias e Heranças

A Secretaria Estadual de Cultura através da Assessoria de Assuntos Afro-Brasileiros em parceria com o Comedine (Conselho Municipal de Defesa do Direito do Negro) promoveram a reflexão do Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe, no Cedim (Conselho Estadual da Mulher) no último dia 30. A juíza Salete Makalous, escritora **Conceição Evaristo** e a representante da CRIOOLA Lúcia Xavier participaram da mesa redonda mediada por Creuzell Ferreira, vice-presidente do Comedine.

Em 1992 entre os dias 19 e 25 de julho, no Hotel Cervantes, na República Dominicana, na cidade de Sant' Domingo, aconteceu o primeiro encontro de mulheres negras da América e do Caribe. A idéia surgiu da vontade de criar uma rede que atendesse as necessidades específicas dessas mulheres.

No último dia do encontro, 25 de julho de 1992, as mulheres presentes, cerca de 450, criaram a rede e aclamaram este dia como o Dia das Mulheres Afrocaribenhas e Afrolatinas. No Brasil, o dia foi rebatizado como o Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe. E a primeira representante da rede no Brasil foi **Neuza das Dores Pereira**.

O Dia da Mulher Negra e América Latina e do Caribe teve a apresentação da bailarina Gabriela Vaz em remontagem de Regina Ribeiro da "Morte dos Cisnes". Gabriela Vaz faz parte do Projeto "Uma Chance pra Dançar" de Dalal Achar e coordenação Luiz Carlos Nogueira ARAD. E também a performance do ator Wilson Rabelo sobre a obra e a vida de Carolina Maria de Jesus.

Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe
Memórias do dia 25 de julho

Veja os Homenageados

Matta encantou a plateia com a música "A África Está Por Aqui". O Bale da UFRJ (Poetizando Candomblé) e a performance do ator Fernando Boher declamando a poesia de Cruz e Sousa, também abrilhantaram a noite. Que se encerrou com o Coral Contra Ponto 3a. idade (UERJ) - um dos homenageados - emocionado a todos e até com pedido de bis.

Caixa Preta

A banda caixa preta está no cenário musical desde 1999 e traz no seu repertório todas as influências vividas por seus componentes, que são: samba, funk, reggae, jazz, bossa nova, choro, música erudita e o jongo, gerando uma estética contemporânea. A linguagem foi batizada como gonga, definição encontrada para essa mistura carregada de swing, de ginga e de molejo. Ter gonga é o contrário de ser desengongado.

Criada na Zona Oeste a banda hoje conta com músicos de várias partes do Rio de Janeiro para mesclar toda essa bagagem musical e cultural através de suas afinidades rítmicas e harmônicas, criando uma música original e moderna, repleta de riffs e grooves dançantes.

A banda CAIXA PRETA é composta pelos músicos: Augusto Bapt (cantor e compositor); Rodrigo Braga (composições, arranjos e piano); Marcos Feijão (bateria); Robertinho de Paula (violão e guitarra semi-acústica); Joelson Lima (baixo); Juran Ribeiro (percussão); Kátia "Preta" Nascimento (trombone); Reyno Trumpet (trompete); Mônica Avila (Sax).

Movimento Diálogo Inter-Religioso contra a intolerância, pela paz e liberdade de culto

Nasceu em 21 de janeiro de 2004 com o propósito de organizar um movimento contra a intolerância religiosa e a favor da paz. Esta data passou a figurar no calendário da capital da Bahia como o "Dia Municipal Contra a Intolerância Religiosa". Dois meses depois, a ideia foi tomando forma e agregando o apoio de diversas entidades

O movimento tem como objetivo criar a integração e conscientizar as comunidades religiosas, principalmente as de matriz africana, sobre seus direitos, deveres e prerrogativas, numa sociedade em que a liberdade de culto é preceito constitucional e deve ser respeitado.

O movimento busca o diálogo com as outras religiões, paralelamente à construção da unidade e integração do povo de santo. Também organiza um levantamento dos casos de intolerância religiosa para transformá-los em fato jurídico, inibindo, com o apoio da Lei, sua continuidade.

Cia. danças Rubens Barbot

Fundada em 20 de Agosto de 1990 pelo coreógrafo e bailarino Rubens Barbot, natural de Rio Grande do Sul e radicado no Rio de Janeiro desde 1989.

É a primeira Companhia afro-brasileira de dança contemporânea e mantém um trabalho singular. A sustentação da sua linguagem vem da pesquisa permanente que Barbot desenvolve, centralizando seu trabalho em uma análise profunda dos gestos, movimentos e imagens que se desprendem dos corpos afro-brasileiros.

No dia 14 de maio, às 18h no Prédio Anexo do Theatro Municipal, 20 personalidades negras do Estado do Rio de Janeiro, foram agraciadas com a

Placa de Homenagem à Personalidades Negras

Nossos Griots

Mundo Negro - www.mundonegro.com.br
Portal Afro - www.portalafro.com.br
Cufa - www.cufa.com.br
Seppir - www.presidencia.gov.br/seppir
Fundação Cultural Palmares - www.palmares.gov.br
CEAP - www.alternex.com.br/~ceap
Fala Pretal - www.falapreta.org.br
Educatro - www.educatro.org.br
UNEGRO - www.unegro.saopaulo.net

Links Relacionados

A Cia. É Tudo Cenai tem por objetivo a pesquisa, resgate, promoção e valorização da cultura afro-descendente. Nos últimos oito anos já produziu cinco espetáculos, sendo que em 2001 a Mitologia dos Deuses Africanos, de Luiz Motta, cumpriu temporada de dois meses no Teatro João Caetano-RJ. Atualmente está sediada no Centro Cultural Cartola, na Mangueira.

Sinopse - Uma Rede Para Iemanjá, de Antônio Callado.

Drama do Pai do Juca, que teve seu filho morto no mar, e acredita que Iemanjá o levou para desposá-lo e que ela o devolverá na noite de Ano Novo. E enquanto aguarda no banco de uma praia, surge Jacira, grávida de nove meses, que foi abandonada pelo marido num porão de maternidade, mas que fugiu para ter seu filho numa rede de dormir, como é tradição no estado do Pará. Pai do Juca joga que Jacira é Iemanjá devolvendo seu filho. O espetáculo é recheado de músicas sacras africanas que são cantadas e tocadas ao vivo.

Uma Rede Para Iemanjá

A Rubens Barbot mantém um trabalho constante criando espetáculos, realizando temporadas no Rio de Janeiro e excursionando pelas cidades brasileiras e do exterior.

Os temas abordados são variados, mas sempre tendo em conta a condição humana. As idéias podem partir de uma simples cena recolhida ou vista na rua até textos filosóficos. Da mesma forma a música utilizada pode ser música étnica primitiva ou contemporânea, pop, erudita ou uma trilha especialmente composta para o espetáculo.

A Cia. DançasRubens Barbot é mundialmente conhecida.

A homenagem realizou pela Secretaria de Estado de Cultura através da Assessoria de Assuntos Afro-brasileiros, capitaneada por Néia Daniel. Um prêmio às lutas e feitos de exemplos de resistência, coragem e, sobretudo, vitórias do povo negro.

O evento contou com a presença do Representante da Embaixada da República do Suriname no Brasil, Sr. Rupert Ladwrense Christopher, o Chefe de Gabinete, Paulo Pimenta, representante o Secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Arnaldo Niskier, Deputado Roberto Dinamite, a empresária de moda Veluma e os atores Alexandre Moreno, Janaina Lince e Lea Garcia, entre outros. E ainda Pierre Pamello, Manager de King Kester Emeneya, artista pop africano consagrado na Europa e Japão que estará no Brasil em novembro.

A apresentação de Irineia Ribeiro (40 anos de MPB) acompanhada pelo violão de Cláudio Matta encantou a plateia com a música "A África Está Por Aqui". O Bala da UFRJ (Poetizando Candomblé) e a performance do ator Fernando Boher declamando a poesia de Cruz e Sousa, também abalhararam a noite. Que se encerrou com o Coral Contra Ponto 3a. Idade (UERJ) - um dos homenageados emocionado a todos e até com pedido de bis.

Veja os Homenageados

Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe
Memórias do dia 25 de Julho

A Secretaria Estadual de Cultura através da Assessoria de Assuntos Afro-brasileiros em parceria com o Comedline (Conselho Municipal de Defesa do Direito do Negro) promoveram a reflexão do Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe, no Cedim (Conselho Estadual da Mulher) no último dia 30. A Juza Salete Makalous, escritora Conceição Evaristo e a representante da CRIOLA Lúcia Xavier participaram da mesa redonda mediada por Cruzelli Ferreira, vice-presidente do Comedline.

Em 1992 entre os dias 19 e 25 de julho, no Hotel Cervantes, na República Dominicana, na cidade de Sant' Domingo, aconteceu o primeiro encontro de mulheres negras da América e do Caribe. A ideia surgiu da vontade de criar uma rede que atendesse as necessidades específicas dessas mulheres. No último dia do encontro, 25 de julho de 1992, as mulheres presentes, cerca de 450, citaram a rede e aclamaram este dia como o Dia das Mulheres Afrocaribenhas e Afrolatinas. No Brasil, o dia foi rebatizado como o Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe. E a primeira representante da rede no Brasil foi Neuza das Dores Pereira.

O Dia da Mulher Negra e América Latina e do Caribe teve a apresentação da bailarina Gabriela Vaz em remontagem de Regina Ribeiro da "Morte dos Cisnes". Gabriela Vaz faz parte do Projeto "Uma Chance pra Dançar" de Dalal Achar e coordenação Luiz Carlos Nogueira ARAD. E também a performance do ator Wilson Rabele sobre a obra e a vida de Carolina Maria de Jesus.

Memórias e Heranças

A terceira edição do curso de Atualização em História Negra da UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro - contemplou alunos, convidadas e público em geral no último dia 29 de julho, com o Seminário Memórias e Heranças. Em estudo a vida e militância de Lélia Gonzalez, ícone feminino na luta contra o racismo.

A aula aberta foi marcada por depoimentos emocionados dos palestrantes e público como: Elisa Larke, escritora e pesquisadora da cultura negra e Hilton Cobra, ator e produtor teatral. Sobre tudo, pelo momento em que o tão aguardo militante negro e Senador, Abdias Nascimento - palestrante - adentra o auditório e é aplaudido ferozmente por cerca de três minutos por uma plateia de pé e vislumbrada.

Que também ficou hipnotizada com os versos, cantos e contos das palestrantes: Ana Garcia, curadora do Acervo Lélia Gonzalez; Elizabeth Vianna - representante da Fundação Cultural Palmares e mestrandas em História - UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) - Nêia Daniel, Assessora de Assuntos Afro-Brasileiros da Secretaria de Estado de Cultura e Raquel de Andrade, Coordenadora do GEGF/UFF - Grupo de Gênero e Feminismo da Universidade Federal Fluminense - e mestrandas em História da Universidade Pontifícia Católica/RJ.